

JOSÉ A. V. CARRETO



Descubra o segredo  
que é revelado aos peregrinos

# SANTIAGO

## *A Caminho de Compostela*

• Caminho Português Central •



*Aos caminhantes, peregrinos de Santiago*

## *ESTOU PREPARADO OU NÃO?*

*Podemos passar uma vida inteira à espera de nos sentirmos preparados. E o problema é que nunca estaremos — porque, na verdade, queremos garantir que temos tudo antes sequer de começar o caminho. E antes de começar ninguém tem acesso ao que o caminho irá oferecer. Por isso é natural não termos tudo o que precisamos. E a boa notícia é que não temos de ter — pois, a cada passo que damos, novos horizontes se abrem: novas pessoas, novos recursos, novas possibilidades que antes não conseguiríamos prever. Em cada momento temos «apenas» tudo o que precisamos para dar o próximo passo.*

**«Ver para além do olhar»**

# Índice

Introdução .....	13
Porquê .....	19
Caminhando.....	21
Em Busca .....	45
<b>A ROTA</b> .....	<b>51</b>
Início do Caminho:	
PORTO → PEDRA FURADA .....	55
Retomando o Caminho:	
PEDRA FURADA → PONTE DE LIMA .....	79
Sentindo como sério, o Caminho	
PONTE DE LIMA → RUBIÃES .....	89
A Árvore do Caminho:	
RUBIÃES → VALENÇA .....	101
Sem Medo:	
VALENÇA DO MINHO → O PORRIÑO (GALIZA) OU MAIS ALÉM.....	107

<b>A Conquista:</b>	
O PORRIÑO → ARCADE.....	117
<b>Reencontros:</b>	
ARCADE → PONTEVEDRA E CALDAS DE REIS.....	123
<b>A Importância da Alegria:</b>	
CALDAS DE REIS → PADRÓN.....	141
<b>Estonteante:</b>	
PADRÓN → SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	149
<b>Apêndice.....</b>	<b>165</b>



SANTIAGO DE COMPOSTELA

TEO  
PADRÓN  
PONTE ULLA  
PONTECESURES  
A LAXE  
VALGA  
CALDAS DE REIS  
BRIALLOS  
BARRO  
DOZÓN  
CEU

PONTEVEDRA  
ARCADE  
REDONDELA  
OURENSE  
XUNQUEIRA DE AMBIA  
FREIXO  
MÓS  
VILAR DO BARRIO

RAMALHOSA  
MÓIS  
O PORRIÑO  
SANDIÁS  
TUI  
VALENÇA  
CERDAL  
TRASMIRAS  
LAZA  
A GUARDA  
CAMINHA  
RUBIÃES  
VERÍN

VIANA DO CASTELO  
PONTE DE LIMA  
VITORINO DE PIÃES  
CHAVES  
MARINHAS  
TAMEL  
BARCELOS  
BARCELINHOS  
PEDRA FURADA  
VILA POUCA DE AGUIAR  
SÃO PEDRO DE RATES  
VAIRÃO  
VILA REAL  
SENHORA DA HORA  
PORTO

GRIJÓ  
SÃO JOÃO DA MADEIRA  
CASTRO DAIRE  
ALBERGARIA-A-VELHA  
VISEU  
ÁGUEDA

MEALHADA  
COIMBRA  
RABAÇAL  
PORTUGAL

ALVAIÁZERE  
TOMAR

GOLEGÃ  
SANTARÉM

AZAMBUZA  
VILA FRANCA DE XIRA

LISBOA

- CAMINHO PORTUGUÊS DA COSTA
- CAMINHO PORTUGUÊS CENTRAL
- CAMINHO PORTUGUÊS INTERIOR

# Porquê

**E** *porquê*, por que razão devo trilhar o Caminho de Santiago? Porque está em voga ou em moda fazer o Caminho, por amizade, companheirismo, amor, experiência, aventura, desafio, marcação de limites, por desejo de conhecimento pessoal da cultura monumental, gastronómica e artística de cada sítio.

Ou por espiritualidade ou à procura dela, por motivos religiosos, como o cumprimento de uma promessa pessoal ou de outrem que esteja incapacitado, em sacrifício ou promessa pelos filhos, pois sendo eles tudo são o melhor e o pior de nós, na esperança que a vida, nestes tempos indefinidos, lhes sorria, ou para superar ou repensar algo na própria vida, em busca de algo ainda indefinido...

E logo agora, quer sejas novo ou mais velho, tenhas 20, 60 ou mais anos, porquê agora?

A resposta certa não existe ou é equívoca ou, existindo, nela cabem todas as respostas possíveis, e todas são razões do Caminho, o que importa não é quem, quando, como ou porquê, o que importa é o Caminho; ouvir, sempre e a toda a hora «Bom Caminho» em voz alta face ao ruído que te rodeia, ou em surdina para não magoar o silêncio que

a natureza te dedica e te reserva. «Bom Caminho» com voz clara, de quem manifesta a alegria de ousar fazer-se ao desconhecido ou ofegante de quem caminha compenetrado e em querido e buscado esforço, desafiando-se e superando-se, e o «Bom Caminho», que devolves em mensagem de saudação e encorajamento ao companheiro momentâneo que te saúda, tomando tu consciência de que não estás sozinho e que desse modo partilha o teu caminho, admirando-te e encorajando-te também para os longos quilómetros que te separam do merecido descanso.

Esta é a saudação do Caminho, e só nele te apercebes da sua existência e só ali a recebes, vives e sentes e a devolves, sentindo que ela é de todos os que caminham contigo, e dos que o fizeram antes e dos que o farão depois de ti, e com a tua palavra todos envolveves.

Não importa porque fazes o Caminho e se o fazes por alguma razão específica.

A razão do Caminho és TU — tu que o percorres, tu que caminhas, tu que sentes, tu que pensas, ou pensas que pensas.

Tu que um dia chegarás ao fim do Caminho e assistirás e acompanharás o fim do Caminho de muitos outros.

Tu marcarás o Caminho para ti, e para quem, igual a ti, vai a teu lado, mesmo sendo um desconhecido, unidos por essa relação fraterna e solidária que se fortalece em cada passada, na partilha do objetivo comum.

O tu, que vai a teu lado, qual tua sombra, marcará para sempre o teu Caminho, porque faz parte do teu e tu do dele.

— Ninguém faz o caminho por acidente — diz o Nuno, um peregrino experiente do Caminho.



## Em Busca

Viver uma vida com todos os seus momentos altos e baixos, de dor e de alegria, de procura e de encontro, crescer, fazer-se gente, é caminhar, por caminhos de esperança, de projecto, de desafios superados ou ainda não.

Há quem entenda que fazer o Caminho de Santiago é para aqueles que têm necessidade de algo na sua vida ou de um novo rumo. *Ter batido no fundo* e, portanto, precisar de renascer.

Nada de mais errado.

Viver ou caminhar é sempre a procura de algo buscado, não visto, quiçá, desconhecido ou não revelado ainda.

Como dizia Pessoa, todos os amanheceres são diferentes e nenhum é igual ao anterior, sempre surgindo acontecimentos novos: um encontro, uma saudação, uma pessoa que não víamos, uma reacção diferente a um acto do quotidiano, assim como diversa é a nossa disposição física e mental.

Muitas podem ser as razões do caminho ou nenhuma em particular, ou apenas o estar em grupo e conviver, experimentar o caminho, ou pode haver para cada pessoa uma razão ou um desejo específico, ou até o cumprimento de

uma promessa, tal como sucede a quem vai ao Santuário de Fátima no 13 de Maio.

Há quem busque no caminho a esperança num acto divino ou meramente espiritual — traduzindo a crença emocional na possibilidade de ocorrerem resultados positivos relacionados com eventos e circunstâncias da vida pessoal — *acreditar que algo é possível mesmo quando há indicações do contrário* —, cerne de uma das virtudes teológicas do Cristianismo.

Fazer o caminho é um acto de fé, mesmo que não seja o peregrino religioso, e ninguém sairá defraudado mesmo que o procurado não ocorra, porque *a sua fome sairá saciada* e não dará o tempo por perdido nem o caminho por inútil.

Se o peregrino procura a paz de espírito, a paz interior, abalada por algo da sua vida, e a paz a que todo o homem anseia por conflitos interiores de busca do seu verdadeiro eu, o caminho é o melhor local para o propiciar. A paz do caminho e do seu percurso, o silêncio com que percorrerá grande parte do percurso, os pensamentos que o alheiam do mundo, a natureza, a paz e mansidão que proporciona são o leito adequado para a divagação interior e a pacificação da alma, fazendo ressaltar a espiritualidade de cada peregrino e que o consome.

Onde há espírito há vida.

É nestes momentos que *o silêncio da natureza*, que te vai envolver e em que estás apenas contigo e com os teus pensamentos seja durante a caminhada, seja em repouso no

albergue, te vai falar e te vai obrigar a abstrair de tudo o resto e o pensamento vai vaguear e levar-te a lugares recônditos e longínquos do teu ego, proporcionando-te o encontro contigo mesmo. Podes nem precisar do caminho para isso, mas é o lugar ideal para que tal aconteça, pois é nele que estás mais desprotegido e também mais livre do teu dia-a-dia ocupado, fatigante e fastidioso, com as suas preocupações diárias.

Aqui estás livre de peias e de deveres e é desde logo isto que o caminho te proporciona: liberdade.

Tu és um ser livre pensante que, vivendo, aspira a algo e no caminho dás-te conta disso.

Se ao iniciares o caminho vinhas receoso do desconhecido ou da imensidão do percurso, ele vai-te dar o que não tinhas: força e confiança.

Porque iniciaste o caminho não tem já interesse, mas para prosseguires e fazeres o caminho, tens de ter confiança.

É a confiança em ti mesmo, sentimento que tens de acalentar, mesmo que tenhas de te apoiar em alguém ou em algo para evitar o desânimo em momentos menos bons do caminho ou da vida, em que se deparam dificuldades que vislumbras insuperáveis, quando, no fim de contas, verás depois, a solução está mesmo ali ao pé, mas não a percepcionaste. Ninguém tem a seus pés dificuldades que não possa superar, pois estão ao seu alcance os meios para tal.

É a confiança nas tuas capacidades físicas de caminhar e de não teres medo de cair, magoares-te, ganhares bolhas nos pés, suportares alguma dor, frio ou chuva se for o caso, e nas tuas capacidades mentais de suportar todos esses

efeitos adversos sem desanimar; é confiar nas tuas capacidades: *quem tem medo de falhar nada faz*, e nunca nada fará.

É a confiança na capacidade de resistência a tudo o que te envolve, de resistir à adversidade, e é também confiar no seu próximo, e sobretudo confiar na *vontade* de chegar ao fim, *querer é poder*.

Quando terminas o caminho, para além de outras interrogações que se te colocam, sabendo tu que o caminho existe e o percorreste, tomas consciência de que aprendeste algo para a vida ficando melhor apetrechados para responder às perguntas: *Quem és tu, peregrino, que fazes o caminho?* ou *e tu, peregrino, porque fazes o caminho?* ou até: *peregrino, que te deu o caminho?*

*«O caminho do peregrino é uma coisa muito boa, mas é estreito. Porque a estrada que nos leva à vida é estreita; por outro lado, a estrada que leva à morte é larga e espaçosa. O caminho do peregrino é para aqueles que são bons: é a ausência de vícios, o impedimento do corpo, o aumento das virtudes, perdão para os pecados, o pesar para o penitente, o caminho dos justos, amor dos santos, fé na ressurreição e a recompensa dos abençoados, uma separação do inferno, a protecção dos céus. Afasta-nos de comidas saborosas, faz a gordura gulosa desaparecer, evita a volúpia, constrange os apetites da carne que atacam a fortaleza da alma, limpa o espírito, leva à contemplação, torna modesto o arrogante, eleva os humildes, ama a pobreza. Odeia a repreensão dos que se movem por ganância. Ama, por outro lado, a pessoa que dá ao pobre. Recompensa aqueles que vivem na simplicidade e fazem boas ações; e, por outro lado, não arrasta aqueles que são avarentos e iníquos das garras do pecado.»*

Codex Calixtinus [nt 2]

# Início do Caminho:

**PORTO**



**PEDRA FURADA**



DISTÂNCIA

±39,6 km



DURAÇÃO

2 dias

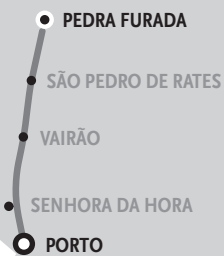


DIFICULDADE

Média/Baixa

ESPAÑHA

PORTUGAL



**P**ara chegarmos aqui, o ponto de partida, em plena Primavera no início do último terço do mês de Maio, foi a Sé Catedral da cidade do Porto, monumento nacional cuja construção de feição românica foi iniciada no séc. XII e onde foi celebrado em 1387 o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, progenitores da Ínclita Geração, após a crise de 1383/1385.

Lá nos munimos da *credencial do peregrino*, documento que como salvo-conduto nasceu na Idade Média para comprovar a qualidade de peregrino de Santiago — pois até essa altura a qualidade de peregrino era identificado pelo seu traje, que foi proibido na época filipina para combater os falsos peregrinos que viviam no caminho à custa da hospitalidade das populações por onde passavam, ou era usado por assaltantes, fazendo-se passar por peregrinos — e hoje, identificando de igual modo o peregrino, permite o acesso aos albergues de peregrinos existentes no Caminho e é indispensável para a obtenção da *Compostela*, documento outorgado pelas autoridades eclesiásticas de Santiago, na «Oficina de Acogida del Peregrino» que certifica a completude da peregrinação e o percurso de, pelo menos, 100 quilómetros a pé ou a cavalo.



Ali fomos instruídos pelo historiador e professor Joel Cleto, homem de rara sapiência histórica e profundo conhecedor da influência do Caminho na História e na Arte, que nos mostrou e explicou a beleza do interior da Sé Catedral onde se encontra a imagem medieval de Nossa Senhora de Vandoma, padroeira da cidade do Porto, e de Nossa Senhora da Silva, cuja lenda reza que a sua imagem foi encontrada no séc. XII nos silvados junto ao local onde foi construída a Sé.

Salientou o professor a intervenção feita na Sé pelo arquitecto italiano Nicolau Nasoni, celebrizado pela construção da Torre dos Clérigos, que adicionou ao vetusto templo uma bela *galilé* barroca à fachada lateral e a inovação ali introduzida com realização das pinturas murais da capela-mor.

Na companhia do professor, que nos guiou durante o trajecto desta etapa, seguimos o Caminho, saindo da muralha da cidade antiga pelas ruelas, descendo à Ribeira e aos vestígios que dela existem (integrada no Centro Histórico do Porto, classificado como Património Cultural da Humanidade desde 1996) até ao antigo Campo do Olival, então fora das muralhas.

Nestes primeiros passos foram desfilando perante nós monumentos históricos do Porto.

De frente para o Jardim do Campo dos Mártires da Pátria, avistamos do lado direito a Torre dos Clérigos (de estilo barroco, inaugurada em 1750) ponto mais alto da cidade com 75 metros de altura e de onde se tem uma vista maravilhosa após subir os seus 240 degraus, e hoje um dos pontos de maior atracção turística da cidade, e do lado esquerdo a Cadeia da Relação — onde esteve detido Camilo Castelo

Branco, no célebre processo de Ana Plácido, e onde redigiu uma boa parte dos seus romances — edifício datado de 1582 e reedificado em 1767 e onde funciona o Centro Português de Fotografia.

Mas não sem antes — no meio da subida pela Rua das Flores, admirável pela beleza dos palacetes que a ladeiam, construídos a partir de 1521, data da abertura da rua, pelos nobres e burgueses portuenses — apreciarmos a toponímia da Rua Afonso Martins Alho, cuja acção deu origem ao dito português «fino como um alho» (fino como o alho) por haver negociado, para o Porto e o Reino de Portugal a mando de D. Afonso IV, em 1352, o primeiro tratado de comércio entre Portugal e Inglaterra que foi assinado em Londres em 20 de Outubro de 1353, pelo rei inglês Eduardo III. Em seguida, subindo a encosta, passamos pela Igreja de Nossa Senhora da Silva, padroeira dos ferreiros, serralheiros, anzoleiros e caldeireiros, na Rua dos Caldeireiros, que surpreende pela fachada e local onde se insere onde funciona desde o século xv, a casa da Confraria de Nossa Senhora da Silva, e onde funcionou uma antiga albergaria, administrada pelos confrades.

Mesmo antes de entrar no largo do Campo do Olival, no lado esquerdo, fica a Rua de São Bento da Vitória, que termina no Miradouro da Vitória sobranceiro ao casario da Ribeira e ao rio Douro, tendo a encosta de Vila Nova de Gaia na outra margem. Para aí chegar há que passar pela Igreja e Convento de São Bento da Vitória, este fundado em 1598, em local que pertenceu à antiga Judiaria do Olival. No seu interior destacam-se os retábulos em talha dourada que ornamentam também o coro representando a vida

de S. Bento, e na sua frontaria ostenta hoje uma lápide relativa à Inquisição, com os seguintes dizeres: «IN PERPETUAM MEMORIAM. Em memória de todos os judeus portugueses vítimas do infame decreto de 1496 que só lhes deu a opção à conversão forçada ou à morte. Terra não cubras o sangue deles pelo esquecimento. Que seja restituída a abençoada memória de todos aqueles e aquelas que durante cinco séculos mantiveram vivo o eco da palavra do Deus vivo actualizando a visão profética de Moisés no Monte Horeb. A sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. As almas ardentes deles não foram destruídas pelas chamas ou pelos seres que o queriam através das mais terríveis torturas, obrigando-os a renegar a sua fé sublime na fonte da vida e amor. O justo vibra na sua fé.»

Quase no fim da rua fica a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, também construída em terrenos da Judiciária do Olival em 1539 e reconstruída no séc. XVIII após um incêndio a ter destruído. O escultor Soares dos Reis talhou em madeira a Imagem de Nossa Senhora da Vitória ali colocada num altar. Quase de frente para Igreja, fica a Casa da Rua de São Miguel, n.º 4, património classificado, que tinha a singularidade de estar recoberta com azulejos setecentistas, representando cenas do quotidiano e paisagens que eram provenientes da sala do Capítulo do Mosteiro de São Bento da Vitória. Hoje consta ali um *placard* com a imagem dos painéis que foram removidos com vista à sua reabilitação e restauro tendo em vista a reabilitação do edifício.

Seguimos para Norte (*para Norte é o caminho* — dizem) e, torneando a reitoria da Universidade de Porto (edifício de

estilo neoclássico, datado de 1807 e destinado à Academia Real de Marinha e Comércio), dali a poucos metros encontramos a Livraria Lello, inaugurada em 1906, de estilo neogótico e considerada uma das mais belas livrarias do mundo. J.K. Rowling, a autora da saga Harry Potter, morou na cidade do Porto e inspirou-se, dizem, nas suas escadarias para criar as da livraria onde Harry Potter conheceu Gilderoy Lockhart no livro *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*. É, também por isso, visitada anualmente por milhares de turistas.

Deixando para trás a Reitoria da Universidade e atravessando a praça do seu lado esquerdo (e seguindo para a Rua do Carmo) deparamo-nos com a Igreja do Carmo, de estilo barroco/rococó, construída entre 1756 e 1768 pela Ordem Terceira do Carmo, e que está geminada com a Igreja dos Carmelitas, do lado oeste, e classificada como Monumento Nacional em 2013 em conjunto com a Igreja dos Carmelitas, destacando-se o seu exterior decorado com um enorme painel de azulejos relativo à fundação da Ordem Carmelita e ao Monte Carmelo. No meio de ambas as Igrejas, como que espremida, fica «a casa escondida», a mais estreita do país.

Segue-se-lhe a Praça Carlos Alberto em homenagem ao rei do Piemonte e da Sardenha que, depois de destronado, em 1849 buscou refúgio na cidade do Porto e teve como primeira residência o Palacete dos Viscondes de Balsemão, localizado nesta praça antigamente denominada Largo dos Ferradores, e de onde saíam diversas vias do Porto para o Norte (Braga e Guimarães) tal como o nosso Caminho (Caminho Central Português, em oposição ao Caminho da Costa).

Um livro que permite ver para além do olhar,  
uma viagem onde o caminho é a resposta.



Ao fazer-se o Caminho de Santiago, desde a Sé Catedral do Porto até à Praça do Obradoiro, descobrem-se numa primeira fase as razões profundas que nos levam a arriscar esta peregrinação intemporal. Depois, num segundo momento, vamos sendo conquistados por aquilo que o caminho tem oferecido desde sempre: a cultura; a história e os monumentos que as preservam; o sofrimento; a alegria e a superação. No final, tornar-se-á num indivíduo novo... ou talvez não. Garantidamente será diferente, envolto na mística do caminho e dos seus mistérios.

Este livro não é um guia normal, propondo uma viagem diferente. É um trajeto pessoal, actual e vivido, que ao seguir a ancestral rota do Caminho Português Central busca as possíveis razões individuais do caminho. Ao procurar o seu propósito acaba-se a descobrir que, afinal, o conhecimento e aceitação do outro são a principal vitória espiritual na vida.



**INCLUI MAPAS E ROTAS  
COM A DURAÇÃO DE CADA PERCURSO  
E GRAUS DE DIFICULDADE**

 <p><b>FAROL</b> a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-588-6</p>  <p>9 789895 645886</p> <p>Espiritualidades</p>
---	--